

Índios voltam à tribo temendo morrer

■ Pankararus que trabalham em São Paulo estão sendo dizimados pela violência urbana

Magna Martins
Escrito especial

NOVA PETROLÂNDIA — Índios da tribo Pankararu, a maior de Pernambuco, estão sendo assassinados na favela Real Parque (zona sul), de São Paulo. As notícias chegam à aldeia, localizada na reserva Brejo dos Padres, na divisa entre os municípios de Tacaratu e Nova Petrolândia, a 600 km do Recife, por cartas e pela televisão. O trucidamento do índio Jair Celestino de Barros, 26 anos, no último dia 25 de julho, saiu no "Aqui Agora", do SBT, e apavorou os 5.800 indígenas que vivem da cultura de subsistência, em terras de conflitos com posseiros margeando a barragem de Itaparica.

Segundo levantamento feito pela Associação Indígena do Índio Pankararu, mais de 10 índios já morreram nos últimos 40 dias na capital paulista. Eles abandonam a aldeia para tentar arrumar emprego no sul maravilha e acabam sendo vítimas da violência urbana. O cacique João Monteiro da Luz, 73 anos, confessa que os índios fogem para São Paulo por falta de terra para cultivar. "Nossa reserva foi tomada pelos posseiros", diz ele.

Presidente da Associação Pankararu, Gustavo Bandeira da Luz, 49 anos, já recebeu diversas cartas de familiares relatando casos de violência na favela Real, e está assustado. "Estamos fritos. Se ficamos aqui, corremos o risco de morrer de fome, por falta de terra e trabalho. Se largamos a aldeia, para tentar a sorte em São Paulo, não conseguimos escapar da rota

dos bandidos", desabaía, temendo o fim dos Pankararus.

Para escapar da morte em São Paulo os índios, agora, fazem o caminho da volta. Na última sexta-feira, às 10 horas, a índia Antônia Inez da Silva, 34 anos, pisava na aldeia depois de passar quatro anos trabalhando como servente em São Paulo. "Não suportei mais a violência. Estava tendo crises nervosas, vendo meus irmãos da aldeia sendo dizimados", conta Antônia, que nunca mais pensa em deixar a tribo para buscar a sorte nos grandes centros urbanos. "Agora, daqui só saio para o cemitério", diz, resignada.

A revoada em direção à aldeia de origem está aumentando. Diretora da Associação Pankararu, onde desenvolve um trabalho social voltado para a comunidade, a índia Ivanilda Ferreira da Luz, 42 anos, é prima de Jair Celestino, a última

vítima da violência na capital paulista. Abafada, ela tem aconselhado aos familiares que pedem orientação, através de cartas, para que retornem à aldeia. "Eles estão entendendo que ficar lá é pior, é ir de encontro a morte", desabaía.

Acrescenta que muitos índios, principalmente depois dos últimos acontecimentos, retornam definitivamente, trazendo uma experiência de dor e sofrimento. "Já perdemos muitos irmãos, parentes e amigos que foram tentar a sorte em São Paulo. Isso é muito triste pra gente, porque aqui na aldeia quando a seca chega, até água falta pra beber", relata Ivanilda, depois de mostrar uma xerox do jornal Notícias Populares, de São Paulo, trazendo na capa a notícia da morte do índio Jair, seu primo.

Em São Paulo, apesar do retorno dos índios à aldeia, ainda moram 1.300 pankararus, segundo estatísticas da própria comunidade. Sem a mínima instrução, trabalham geralmente como serventes, pedreiros e vigilantes, reforçando a renda com a venda de biscates. "Nós somos discriminados aqui e lá", protesta Gustavo Bandeira, presidente da Associação, um dos mais ativos da tribo, hoje trabalhando como vigilante da Chef, no acampamento da barragem de Itaparica.

Gustavo não gostou da versão apresentada pela imprensa paulista com relação ao crime de Jair Celestino. "Ele (Jair) não foi expulso da aldeia. Não costumamos agir assim. Além do mais, o Jair era um índio pacato como nós", disse. Devidamente paramentados com vestimentas feitas de "croá (uma espécie de fibra), no último sábado os índios dançaram o "toré" a noite inteira e entoaram cânticos de clemência aos deuses, pedindo dias melhores para os que estão sofrendo as agruras da violência urbana, em São Paulo.



A índia Antônia Inez retorna de SP com uma crise nervosa



O cacique João Monteiro recebe cartas relatando os crimes em São Paulo e teme pelo fim dos pankararus



Fac-símile do Jornal Notícias Populares que trouxe o último crime envolvendo um índio Pankararu

Posseiros provocam clima de conflito

Os Pankararus moram numa área de 8.100 hectares demarcada desde o final da década de 40, tal em língua lule (mas dominam bem o Português) e perderam suas terras ao longo dos anos para os posseiros, que hoje são maioria (300 famílias) e ocupam as melhores propriedades.

A convivência com os posseiros é difícil. A Funai (Fundação Nacional do Índio) já interfiu na área por diversas vezes, inclusive com a ajuda da Polícia Federal, mas não conseguiu o que os índios soçam há um século: o controle das suas próprias terras.

Até o final do mês, o cacique João Monteiro quer, a todo custo, uma solução para os conflitos de terra. Assegura que está disposto a ir a Brasília lutar pelos seus direitos, porque já não suporta mais ouvir tantas promessas do Governo. "Nossa reserva está demarcada oficialmente desde 1940, mas parece que existe uma lei maior do que essa. Se não, já teríamos nossas terras devolvidas", desabaou.



O índio Gustavo Barbosa, líder Pankararu, mostra a cerca devastada

O velho cacique já reuniu a comunidade em protestos de toda natureza. No Palácio do Campo das Princesas, na Funai em Brasília e ate no Congresso Nacional. Os posseiros, acusados de deixar as melhores terras ociosas na região do Brejo dos Padres, uma das mais férteis do Alto Sertão Pernambucano, já se organizaram para reagir às pressões dos índios e hoje têm até um vereador eleito em Nova Petrolândia, e um candidato a deputado estadual, de nome Heraldo. "Esse homem vive perseguindo os índios, disseminando ódio e terror na aldeia", protesta o presidente da Associação Pankararus, Gustavo Barbosa da Luz.

Conflitos — Há 30 dias, os Pankararus se organizaram para produzir numa roça comunitária. Conseguiram apoio e dinheiro da Funai para comprar arame e madeira, para cercar a área. Quando tudo estava pronto para o início da produção, os posseiros invadiram a área, derrubaram as cercas e destruíram o arame, numa ação que varou a madrugada.

"Quando chegamos de manhã, pensando que íamos começar o plantio, encontramos tudo destruído", lembra Barbosa, hoje o índio mais visado pelos posseiros, justamente porque teve a iniciativa de criar uma associação para lutar em defesa de sua tribo. Barbosa é um Pankararu puro-sangue: negro, alto, nariz e lábios grossos. Onde anda é reconhecido pelos posseiros, que vêem nele hoje um obstáculo, porque ele tem trabalhado diuturnamente, ao lado de Ivanilda Ferreira e o cacique Monteiro, pela retomada das suas terras em Brejo dos Padres.

"Nossa área já foi bem maior. Chegamos a ter 14.244 hectares. Hoje, legalmente temos 8.100 mas não ocupamos nem 30% da nossa reserva, porque os posseiros, protegidos pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, pelos políticos da região e por muita gente que não gosta de índio, fincaram os pés nela e parece que só vão sair à força. A lei aqui não vale nada", diz, revoltado, o líder Pankararu.

A situação na aldeia só não é mais tensa, segundo Barbosa, porque os índios não reagem às provocações dos posseiros. Mesmo assim, vez por outra, ocorrem brigas e crimes dentro da área demarcada pela Funai. "A violência é um drama que persegue os índios, aqui em São Paulo, diz o cacique Monteiro.

A reserva dos Pankararus está encravada no Polígono da Seca. Este ano choveu bem e a safra de feijão, milho e mandioca deixou a comunidade animada. "Isso aqui agora tá muito bom por causa do inverno. Na seca, é um inferno, muita gente passa necessidade, fome da braba. E ainda tem que conviver com esses danados desses posseiros, sem que o Governo nada faça para nos proteger", protesta o cacique.

Seca aumenta fuga em direção ao Sul

Mesmo diante das constantes mortes de índios na capital paulista, na tribo há quem tenha ainda coragem de tentar emprego no Sudeste. Os Pankararus pedem passagem para fazer o percurso até São Paulo na Prefeitura de Nova Petrolândia e recorrem, quando não conseguem, a Prefeitura de Tacaratu, divisa com a Bahia.

O índio David da Luz, cunhado de Ivanilda Ferreira, a diretora da Associação, está de malas arrumadas para enfrentar dois mil km de estrada até São Paulo. "Aqui não está dando mais. Vou ver se consigo emprego", diz David. 49

anos, que está informado sobre os casos de violência na favela Real Parque (SP).

"A gente tem medo, mas o que é que se pode fazer. Ficar por aqui também não é correr risco? Tem tanto grileiro por aqui violento e que pode também matar a gente", justifica o índio. David, no entanto, parece ser uma exceção nesses dias quem têm sido negros para a maior comunidade indígena de Pernambuco.

O cacique Monteiro diz que nada pode fazer para evitar a migração. "Até para preservar a raça era bom que ninguém saísse, mas, infelizmente, não podemos impe-

dir, e até damos razão, porque quem fica por aqui, sem terra e sem ajuda do Governo, morre de fome", afirmou o cacique. Ele reclama da falta de meios para pedir proteção aos índios que moram em São Paulo. "O governador de lá, ou quem sabe o presidente, poderia olhar pra nós índios", afirmou.

O cacique não acredita que os índios em São Paulo estejam envolvidos em assaltos ou façam parte de grupos violentos. "Nosso costume aqui sempre foi da roça pra casa. A gente recebe cartas aqui de índios que dizem que só fazem trabalhar, vivendo do trabalho para a casa", diz.

Aldeia ainda espera ajuda do Governo

Em setembro do ano passado, uma comissão de 34 índios Pankararus foi recebida no Palácio do Campo das Princesas pelo então secretário de Governo, Luiz Alberto Passos. Vestidos a caráter, eles pediram comida e uma solução para os conflitos de terra na aldeia com os posseiros. Não conseguiram nenhuma coisa nem outra.

"Ainda estamos esperando pela ajuda do Governo", relata Gustavo Barbosa. Segundo ele, a comissão pediu comida, remédios, sementes, transporte para os doentes, cimento para a construção de uma cooperativa agrícola e instrumentos de trabalho, como enxadas, foices e picaretas.

Na época, o secretário afirmou que providenciaria a distri-

buição de cestas básicas, através da Fiam, mas o problema da insegurança dos Pankararus, na área de conflito com os posseiros, só poderia ser intermediada através da Funai. Hoje, depois de praticamente um ano, a aldeia continua à espera da ajuda governamental.

"Não existe nenhum sinal do Governo. Pedimos 200 enxadas, 200 foices, 200 machados e 100 sacas de feijão, além de uma ambulância, que é o nosso maior problema, pois a aldeia não tem posto médico e nem comunicações. Quando ocorre algum caso grave, o índio morre antes de chegar ao hospital em Nova Petrolândia", relata Barbosa.

Ele disse, ainda, que na aldeia existem cerca de 500 índios

estudando numa escolinha abetna no acampamento da Chesf, nas proximidades da barragem de Itaparica. "Pedimos material escolar para os 500, mas só recebemos para 200", diz o líder dos Pankararus. Segundo ele, outro problema grave da aldeia é a ocupação da serra que circunda as casas dos índios. "Por falta de terras eles passaram a fazer roças no alto da serra. Quando chove, a vida do índio corre riscos", afirmou.

Para o cacique João Monteiro da Lua, que tem 12 filhos trabalhando nas terras da aldeia e na região da área de Chesf, os índios passam fome. "Nosso maior problema aqui é fome, provocada pela falta de terras e apoio do Governo", protesta, indignado.

Chicote de urtiga, tradição em festa

Os Pankararus mantêm tradições fortes. Conservam, inclusive, costumes esquisitos. Para afugentar os maus espíritos, eles fazem uma festa muito violenta todo mês de março. Na comemoração, os homens da tribo se chicoteiam com pedaços de urtiga, uma planta nativa da região que queima a pele e provoca dores.

Gustavo Barbosa diz que se trata de uma festa de fé mas garante que os índios chicoteados não brigam entre si, nem reclamam. "Nossa pele, tostada pelo sol e ressequida pela água do São Francisco, já está preparada. Na primeira batida, a urtiga arde um

pouco, mas logo passa", ameniza, rindo.

Acesso — O "toré", cântico aos deuses, é a mais forte manifestação religiosa dos Pankararus. Ensinado logo cedo na tribo, o "toré" ecoa nas noites de alegria e tristeza. "Serve para todas as comemorações. Cada eco tem uma prece, uma finalidade", explica o cacique Monteiro.

O acesso às manifestações folclóricas e religiosas da tribo são restritas aos índios. Os Pankararus, na verdade, em pouco diferem do branco, pela influência e adoção dos seus costumes. Tem até índio que progrediu na

aldeia e hoje ascendeu à condição de secretário municipal da Prefeitura de Nova Petrolândia, como é o caso de Jacilene Fernandes Barbosa, 20 anos (secretária de Ação Social).

Foi à Jacilene que os diretores da Associação Pankararus recorreram, na última sexta-feira, para conseguir encaminhar a documentação final da regulamentação da entidade, recentemente criada. Jacilene, desimbida, não só atendeu aos pedidos encaminhados como deu notícias dos últimos acontecimentos em São Paulo, distribuindo xerox da reportagem trazendo a morte do índio Jair Celestino.

Evangélicos estudam maior integração

Os evangélicos estão participando pouco da luta para reverter a situação de calamidade em que se encontra a maioria dos índios brasileiros. A conclusão foi tirada do Encontro de Iniciação à Questão Indígena que terminou, ontem, no Centro de Vivência Cristã, de Nova Descoberta, depois de três dias de discussões. Proveniente pelo Centro Mundial de Igreja, através do Grupo de Trabalho Missionário Evangélico (GTME), o Encontro teve como proposta básica aumentar o nível de conscientização entre os parti-

cipantes sobre a problemática do índio e incentivar as pessoas a ajudarem, de alguma forma, a solucionar a questão.

Segundo informações do reverendo Saulo Pedro, coordenador do encontro, atividade semelhante já vem sendo desenvolvida com êxito em outros Estados. Pernambuco, que ainda resguarda sete povos indígenas, teve essa primeira fase iniciada agora, mas o trabalho deve ser aprofundado.

A idéia, diz o reverendo, é incentivar as pessoas a conhecerem melhor a história dos índios,

assim como os principais problemas que eles são obrigados a enfrentar. A questão da terra, por exemplo. "Se aparecem voluntários, eles vão servir de suporte para as instituições que já estão oficialmente criadas e integradas à luta dos índios brasileiros. Do encontro participaram mais de 20 pessoas. Elas receberam informações sobre a conjuntura social e política do Nordeste, assim como sobre a religiosidade dos índios. Na programação também foi incluída abordagem antropológica sobre a realidade dos conflitos indígenas no País.